



Desafios metodológicos para compreender as interações entre jornais e leitores¹ **Methodological challenges to understand the interactions between newspapers and readers**

Viviane Borelli²

Marlon Santa Maria Dias³

Palavras-chave: jornalismo; metodologia; leitores; circulação; midiatização.

Toda pesquisa carrega em seu DNA um aporte teórico-metodológico único por ser uma proposta elaborada a partir de pressupostos que revelam a identidade do pesquisador, suas observações teórico-empíricas, suas escolhas e, conseqüentemente, o que deixa de fora de sua investigação. O modo de organização e funcionamento dos cursos de pós-graduação e os regramentos das agências de fomento pouco contribuem para o desenvolvimento de pesquisas mais longas, pois as avaliações são quadrienais e, geralmente, os editais limitam em dois anos o período para conclusão.

A problematização por um ângulo comunicacional é o que requer Braga (2011) ao explicar que a comunicação tradicionalmente volta seu olhar para outras disciplinas, para nelas buscar subsídios ao seu fazer. O autor defende que não basta mencionar que há interdisciplinaridade, já que é preciso haver um efetivo enfoque comunicacional.

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Realizou estágio Pós-doutoral na Faculdade de Comunicação da Universidade Nova de Lisboa em 2015-2016 com bolsa Capes. borelliviviane@gmail.com

³ Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Jornalista e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria. Integra o grupo de pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (UFSM/CNPq). marlon.smdias@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Para Braga (2011, p. 67), no campo da Comunicação, objetos do mundo social e humano devem ser “percebidos pelo ângulo prioritário da comunicação que os organiza e que deles decorre”.

O olhar prioritariamente comunicacional guiou o desenvolvimento da pesquisa sobre as relações entre jornais e leitores nos ambientes digitais. Foram estudados sete jornais gaúchos – A Plateia, A Razão, Diário de Santa Maria, Diário Popular, Gazeta do Sul, O Nacional e Pioneiro – durante seis anos. A metodologia foi construída a partir das relações entre os conceitos norteadores de mediação, contrato de leitura e circulação, em foram realizadas observação, entrevista e análise discursiva.

A questão central das várias etapas teórico-metodológicas da pesquisa foi analisar como ocorrem os processos interacionais entre jornais e leitores numa sociedade em vias de mediação. Entretanto, os passos metodológicos foram constantemente adequados, complementados e refeitos diante daquilo que os dados coletados apontavam. Aproximou-se do que requer França (2001) acerca da pesquisa em comunicação de viés mais pragmático: que a ordem do empírico anteceda o quadro teórico, pois a teoria perde sua razão de ser quando abandona referências a questões concretas. O desenho metodológico inicial foi refeito diante das questões demandadas pelos objetos.

Os objetivos do artigo são refletir sobre os desafios impostos pela pesquisa em comunicação e jornalismo no que tange ao seu fazer metodológico e descrever o percurso metodológico desenvolvido na investigação do processo interacional entre leitores e jornais gaúchos. O processo reflexivo sobre a própria prática metodológica é, para Brennen (2013), uma atividade comum aos investigadores que desenvolvem pesquisas qualitativas, pois a reflexividade ajuda a compreender as próprias interpretações a partir das evidências e também aspectos que influenciam a prática da pesquisa, como o contexto histórico, a língua e as experiências pessoais.

Compreender os processos interacionais entre jornais e leitores demanda olhar não só para as instâncias de produção e recepção, mas sobretudo para as



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

interpenetrações entre elas, ou seja, para as “zonas de contato” (FAUSTO NETO, 2012). Essa abordagem implica também olhar para aquilo que seria produzido e posto em circulação pelos próprios atores a partir do consumo das notícias.

O conceito de mediação ajuda a compreender as transformações da sociedade, especialmente àquelas relacionadas ao modo como as práticas sociais são redimensionadas e afetadas por lógicas de uma cultura midiática (FAUSTO NETO, 2008, MATA, 1999). Ainda na década de 1980, o semiólogo Eliseo Verón refletiu sobre a mediação do campo político (VERÓN, 1987), mas foi o texto publicado na década seguinte que se tornou referência para a compreensão do conceito de mediação. Verón (1997) propõe um esquema analítico da semiose da mediação, no qual destaca a constante afetação entre três instâncias da vida social: instituições, mídias e atores individuais, situando a mídia no centro desse esquema para mostrar como sujeitos e instituições sofrem injunções da cultura da mídia, num processo ainda em curso.

Dentre as práticas sociais reconfiguradas pelo processo de mediação está o jornalismo, afetado especialmente pelo fato de haver uma outra lógica produtiva, que dá novos contornos às rotinas jornalísticas, a seus ambientes de produção e, inclusive, à identidade dos atores (FAUSTO NETO, 2009). Aliado a isso, há a popularização da internet, que possibilitou uma mutação nas condições de acesso e circulação de discursos, e o avanço das tecnologias digitais, tendo a ampliação da produção dos atores sociais interconectados e sua crescente protagonização como uma das consequências.

Na sociedade em vias de mediação, as relações – antes mais estanques e predeterminadas entre as instâncias da produção e do reconhecimento (VERÓN, 2004) – se complexificam. A linearidade que caracterizava essa relação dá lugar a um ambiente de intercâmbios constantes. No caso específico dos jornais, os leitores passam a ser também coprodutores das notícias (FAUSTO NETO, 2009) e colocam em circulação temas que vêm de seus interesses e não necessariamente estão vinculados à instituição midiática.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Se antes os jornais controlavam a interação com os leitores através de dispositivos específicos, como as cartas do leitor e os artigos de opinião, hoje essa relação se alarga. Os leitores não apenas consomem as notícias, a partir de seus singulares modos de apropriação e interpretação, como também produzem ofertas discursivas próprias, inserindo-as em um fluxo de circulação contínuo. Por esse motivo, a circulação passa a ser o “espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação” (BRAGA, 2012, p. 38).

Nesse contexto, emerge a problemática da circulação que antes era tida como uma brecha entre produção e recepção, mas agora passa a ser importante para a compreensão dessa nova arquitetura comunicacional. O conceito de circulação tornou-se, então, norteador, pois deparou-se com um cenário em que os jornais não só precisam desempenhar a sua função tradicional de produzir notícias, mas também desenvolver estratégias discursivas específicas para manter e ampliar o contato com os leitores que o interpelam nos ambientes digitais.

Partindo do aporte teórico-metodológico da semiologia dos discursos, especialmente a partir de Verón (2004), foi possível fazer uma leitura dos enunciados, tanto nas postagens dos jornais quanto dos leitores em seus comentários, notando-se que os periódicos vivenciavam uma fase de experimentação através da protagonização do leitor. Num primeiro momento, percebeu-se que os jornais ofertavam dispositivos através dos quais os leitores poderiam contatá-los, resolvendo-se aparentemente a questão do acesso. Entretanto, numa análise mais aprofundada dos materiais, notou-se que diante de interpelações, os periódicos silenciavam, havendo vazios no processo interacional. A partir dessas constatações, decidiu-se focar a pesquisa no processo de circulação, pois mesmo que os jornais quisessem controlar a interação, isso não era possível já que as enunciações construídas por atores e campos seguem rumos próprios.

Para complementar o ciclo da pesquisa, era preciso compreender como os jornais lidavam com a emergência de coprodutores e quais são as motivações para que os leitores participassem do fazer jornalístico. Dessa forma, foram realizadas entrevistas



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

com editores-chefes, repórteres e editores responsáveis pela área de digital/tecnologias. As entrevistas⁴ foram realizadas em dois momentos: 2011 e entre 2014 e 2015 para que fosse possível identificar mutações não só no processo interacional com seus leitores, mas também no fazer jornalístico, na elaboração de estratégias discursivas e mercadológicas de contato com seus leitores e na avaliação do que é notícia.

Outra questão que inquietava durante o andamento da pesquisa era o modo como os leitores avaliavam a interação proposta pelos jornais, bem como suas motivações para comentar as publicações e entrar nas discussões. Assim, decidiu-se que o último passo deveria contemplar entrevistas com esses leitores. Faltava, entretanto, criar estratégias para selecionar e alcançar esses leitores. Decidiu-se fazer uma nova coleta de dados nas páginas do Facebook dos jornais para ser possível selecionar alguns leitores para entrevista⁵. Somando-se o envio de mensagem e os pedidos de amizade, foram contatados mais de 100 leitores dos sete jornais pesquisados, mas foram concluídas 38 entrevistas, assim divididas: Pioneiro: 27; Diário de Santa Maria: 3; Diário Popular: 5; O Nacional: 3. Como não havia intenções de ter representatividade em relação a tipos de públicos ou a dados quantitativos, a estratégia foi avaliada como satisfatória.

A pesquisa passou pelas instâncias da produção – com a observação daquilo que era produzido e ofertado pelos jornais e com as entrevistas com os jornalistas –, da recepção – com descrição do que era comentado pelos leitores e com a realização de entrevistas com estes – e da circulação – com a análise dos dados coletados a partir das interações entre as duas instâncias e cruzando o que era identificado nas análises das operações discursivas com os dados coletados nas entrevistas.

⁴ Os entrevistados assinaram termo de consentimento livre e esclarecido que detalhava os objetivos da pesquisa e os contatos da pesquisadora responsável pelo projeto.

⁵ O critério de seleção foi baseado no número de vezes que comentavam as postagens do jornal de seis a dez de abril de 2015.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Assumir a circulação enquanto problemática central para o entendimento das interações entre jornais e leitores foi também deparar-se com o desafio de fazer escolhas metodológicas. Como essas relações entre produção e recepção ocorrem por meio de processualidades, a alternativa encontrada foi discutir a sua constituição através da descrição das operações de sentidos realizadas por jornais e leitores na ambiência da midiatização. O que se buscou foi uma maneira de analisar as ofertas discursivas dos jornais, o modo como os leitores se apropriavam de tais ofertas e também como produziam os seus próprios discursos.

Nesse sentido, outra dificuldade foi encontrar técnicas de pesquisa que conjugadas possibilitassem a coleta desses materiais, sobretudo porque também nos interessava aquilo que era produzido e compartilhado pelos leitores nesses ambientes midiáticos. Por meio da observação, foram mapeadas operações discursivas (VERÓN, 2004) e, a partir da análise discursiva dos comentários, compreendeu-se não apenas o modo como o jornal interagia com os leitores, e vice-versa, como também se identificou algumas situações (mesmo que escassas) em que os periódicos utilizavam as informações produzidas pelos leitores como insumo para a elaboração de novas pautas.

Algo que dificultou a coleta dos dados nas mídias sociais foram os próprios regramentos impostos pelo Facebook, que elimina alguns comentários e os organiza a partir de uma hierarquia própria de seus algoritmos⁶. Em função disso, em matérias muito comentadas, alguns dos comentários se perdiam. Não se encontrou, durante a realização da pesquisa, nenhuma ferramenta específica ou software que pudesse auxiliar na coleta completa desse material.

⁶ O Facebook organiza os comentários em três categorias: Principais comentários (“mais relevantes aparecem no topo”); Mais recentes (“novos comentários e aqueles que são respondidos aparecem no topo”); Comentários Top (sem filtro, em que são mostrados todos os comentários, incluindo *spams* e comentários em outras línguas, com os mais relevantes no topo).



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Destaca-se, ainda, a complementação de técnicas de pesquisa como proveitosa para realizar investigações que demandam o trabalho com muitos dados. Ao realizar entrevistas com jornalistas e leitores, agregou-se esses dados aos já coletados durante as observações. Um dos principais desafios encontrados na investigação – e que parece ser também um desafio para a pesquisa em comunicação como um todo – refere-se às técnicas apropriadas para se investigar a instância da recepção frente a este cenário de reconfiguração da oferta discursiva e da emergência de outros protagonistas. No decorrer da pesquisa, sentiu-se a necessidade de também falar com aqueles atores que frequentemente estão ali, comentando as notícias e tensionando o fazer jornalístico. Decidiu-se, então, realizar uma última observação para identificar o perfil dos leitores que eram comentadores frequentes das páginas dos jornais nas redes sociais.

Mesmo com as dificuldades encontradas na realização das entrevistas com leitores, o resultado obtido foi suficiente para elencar que algumas das motivações que os levam a comentar nas páginas dos jornais na internet são: promover o debate, pedir ao jornal para corrigir informações erradas, requerer informações mais detalhadas, saber de notícias locais, exigir a cobertura de pautas que julgam importantes para si e sua comunidade (o que denota uma compreensão de parte dos leitores do que considera ser efetivamente um valor-notícia para si e para sua comunidade).

Acredita-se também que o acoplamento de diferentes técnicas é elementar para as investigações nas quais os objetos demandam um estudo mais aprofundado em sua processualidade, pois é possível considerar suas múltiplas variáveis. Dessa forma, avalia-se de forma positiva a adoção de perspectivas plurais e complementares para investigar os fenômenos comunicacionais, especialmente quando há a proposta de investigar as relações entre produção e recepção ou o território incerto da circulação.

Referências bibliográficas

BRAGA, J. L. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 25, n. 58, p. 62-77, jan/abr. 2011.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

_____. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTTI JUNIOR, J.; MATTOS, M. Â.; JACKS, N. (Org.). **Mediação & Mídia**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

BRENNEN, B. S. **Qualitative research: Methods for Media Studies**. New York/London: Routledge, 2013.

FAUSTO NETO, A. Dos sintomas aos programas de estudo. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo. Volume 28, n. 1, jan/jun 2005.

_____. Fragmentos de uma “analítica” da mídia. **Matrizes**. São Paulo: ECA/USP, ano 1, n. 1, 2008, p. 89-105.

_____. Jornalismo: sensibilidade e complexidade. **Galáxia**, v. 9, n. 18, 2009, p. 19-30.

FRANÇA, V. O objeto da comunicação: a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. **Teorias da comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MATA, M. C. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la comunicación**. Lima: FELAFACS, p. 80-91, 1999.

VERÓN, E. Esquema para el análisis de la mediatización. **Diálogos de la Comunicación**, n. 48, Lima: FELAFACS, 1997.

_____. **Semiosis de lo ideológico y del poder: la mediatización**. Buenos Aires: UBA, 1987.

_____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.